

EXPOSIÇÃO

SULEAR

A voz e a vez do Sul

Artistas

Adriana Montenegro	Jarbas Paullous	Nanda Godoy
Ana Luíza Mello	Jorge Luiz	Regina Moura
Ana Paula Alves de Souza	Lando Farla	Roberta Costa
Angela Moraes	Laudy Mendes	Roberta Salgado
Angela Parente	Lella Bokel	Rose Aguiar
Augusto Herkenhoff	Lénn Cavalcanti	Rose Nobre
Belladonna	Let Cotrim	Salazar Figueiredo
Betty Zajdenberg	Leticia Potengy	Sandra Schechtman
Carla Crocchi	Liana González	Silvana Godoi Câmara
Conceição Durães	Lu Guedes	Silvio Moréla
Daniela Versiani	Luíza Kraft	Sissi Kleuser
Daniele Bloris	Marcelo Velga	Sonia Xavier
Débora Guimarães	Marcio Kozlowski	Tânia Torres
Dulce Lysyj	Maria Cecília Leão	Teresinha Mazzei
Gilda Goulart	Maria Verônica Martins	Theo Gomes
Graci Kaley	Marise Barros	Victor Pereira
Gringo Carloca	Março Rocha	Vilma Lima
Hortensia Pecegueiro	Marta Bonimond	Vitoria Szejnman
Ilda Fuchshuber	Maurício Theo	Zacarias Gama
Falácio Iracela de Oliveira	Miro PS	Zaba
Isabella Marinho	Morgana Souto Maior	Zizi Pedrossa
Jaci Rabelo		

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões | **Ensaio Crítico:** Carlos Taveira | **Arte e Ilustração:** Theo Gomes

Arquitetura da Montagem: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

ZAGUT

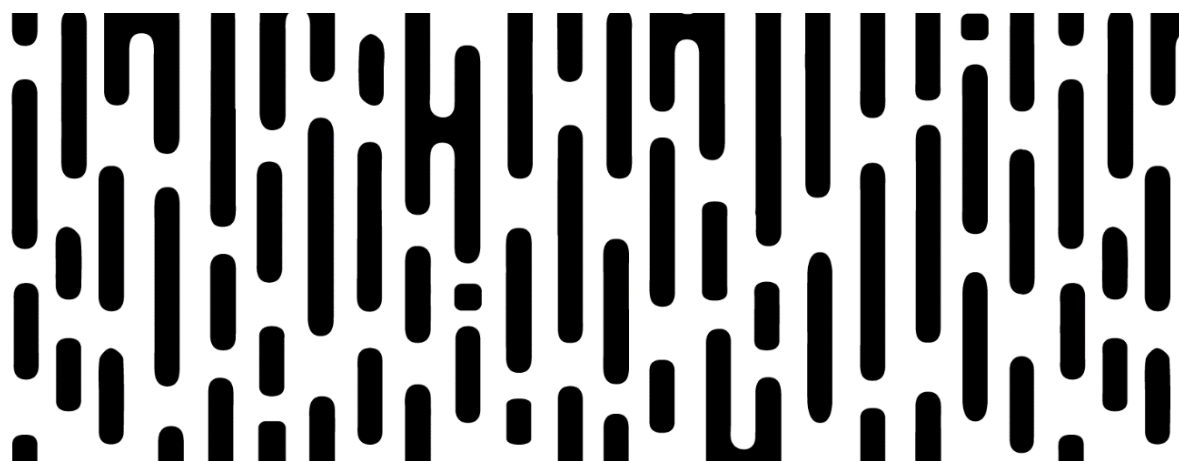
Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

Ensaio crítico: Carlos Taveira e Marcio D'Olne Campos

Imagem da capa: Theo Gomes

Arquitetura da montagem: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff



SULEAR

Em uma época em que guerras vêm assombrando a humanidade, a exposição “Sulear” tem como objetivo levantar bandeiras a partir de uma perspectiva inédita, dos povos “do Sul”, se contrapondo à forma colonial de visão de mundo, tanto em prol da preservação ambiental e mudanças climáticas, quanto a temas caros à contemporaneidade.

A COP28, encontro anual das Nações Unidas em torno do clima, será concomitante à exposição e é uma esperança para que avanços substanciais ocorram com a reunião de líderes mundiais, após passados incríveis 31 anos da pioneira ECO92, ocorrida em terras cariocas, e mais de 5 décadas da instituição pela ONU do Dia Mundial do Meio Ambiente. O objetivo é que até 2050 se consiga a emissão "zero de carbono", de forma a garantir a sobrevivência da espécie humana, entre outras, em seu planeta.

As obras também poderão ser vistas por meio de um catálogo de arte, em formato de livro, em plataforma editorial e em galeria virtual.

“A arte feita por artistas latino-americanos reflete a vivência de povos que têm enorme sabedoria, mas que em geral não são considerados centrais nas reflexões mundiais. Em especial em relação à ecologia, essas nações têm uma perspectiva bastante interessante quando comparada aos países considerados centrais do norte”, aponta a curadora da mostra Isabela Simões.

Quando Torres Garcia realizou em 1943 o desenho “América Invertida”, de forma a explicitar o que escrevera em 1935, a “Escuela del Sur”, simbolizou a importância da América Latina se conscientizar de forma a que o posicionamento norte-cêntrico não seja o seu guia, construindo suas próprias perspectivas, incluindo a sabedoria dos povos originários e a revisão de princípios normalizados pela colonização europeia (decolonização), ampliando a visão de mundo para uma maior aceitação de diferenças e fortalecendo a democracia. O brasileiro Marcio D’Oliveira Campos contrapôs “sulear” a “nortear”, e o neologismo foi usado por Paulo Freire.

O grande artista uruguaio também é um modelo para a Zagut, através da criação de coletivos de artistas que partilham o amor pela arte, sérias pesquisas em seus trabalhos e alguns posicionamentos comuns, como ocorreu nos grupos que criou “Cercle et Carré”, enquanto morava em Paris e no Ateliê Torres García/ “Escuela del Sur”, ao voltar para Montevidéu, após 40 anos no exterior.

O Relatório Síntese do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) foi divulgado em março deste ano. Coloca claro o maior impacto da crise ambiental em países com menor poder de riqueza, por déficit de estruturas para planos e prevenção. Vale ressaltar que ao longo do tempo foram os países mais ricos que emitiram a maior parte das emissões de carbono.

A COP28 que ocorrerá este ano em Dubai, representa importante esperança para que se haja união para organizar financiamentos para países mais pobres, de forma a que o mundo consiga efetivamente avançar no assunto, crucial para a sobrevivência da humanidade.

O Brasil, apesar de atrasos ocorridos nos últimos anos, tem inúmeras práticas inovadoras em relação ao meio ambiente. Sua população originária tem conhecimento profundo em relação ao convívio pacífico com a natureza, que pode e deve ser mais bem aproveitado. Há um posicionamento político de forma a que a questão seja gerenciada prioritariamente, com ambiciosos indicadores.

A Zagut vem sistematicamente propondo aos artistas do coletivo temas que abordem a questão da ecologia e do meio ambiente, assuntos já comuns entre artistas, assim como outros de importância para o mundo contemporâneo, como desigualdades, cultura brasileira, etc. É uma forma de ativar a reflexão de cada um que participe como artista e como fruidor da exposição, tocando em nosso íntimo, de forma a nos comprometer, fazendo com que mudanças ocorram, possibilitando o futuro.

Y el cielo como bandera
Y el cielo como bandera
Sou louco por ti América Caetano Veloso

Carlos Vinicius da Silva Taveira
Mestre em história da Arte. Doutora em Literatura, cultura e contemporaneidade.
Sulear.

Os versos que servem de epígrafe para esse texto ficaram famosos na voz de Caetano Veloso em seu primeiro disco compacto de 1967. A letra foi escrita em parceria com Gilberto Gil, Torquato Neto e o poeta Capinam e mostra inúmeras referências da América Latina, inclusive em seu ritmo, pois o andamento musical emula danças como a rumba caribenha e até mesmo alguns compassos do tango argentino. A ideia por trás da música era colocar em primeiro plano a identidade fragmentada e única dos latino-americanos demonstrando suas características de maneira positiva e singular.

A história da América Latina contém momentos dramáticos, mas também da mais pura beleza. Nas artes há personagens e obras que impactaram todo o mundo. Na cultura existe uma diversidade e miscigenação resultante da combinação de diversos povos e etnias. Porém, o continente é fruto de um processo colonizador violento e predatório que deixou marcas profundas na desigualdade social contemporânea.

A exposição Sulear organizada pela Galeria Zagut em conjunto com o Centro Cultural dos Correios propõe repensar as percepções do mundo via possíveis perspectivas oriundas do eixo proveniente do Sul global, onde o Brasil se encontra. É o momento de explorar narrativas e estéticas que revertam, ou reorganizem nossos afetos vitais.

Neste caso, "sulear" é questionar noções errôneas de poder cristalizadas de um "norte global desenvolvido" em contraposição a um hemisfério sul considerado "atrasado". É criar estratégias que permitam apropriar a existência sob outras conexões vitais. É assumir a autonomia na criação dos próprios sentidos e significados culturais.

Criar novas cartografias é apresentar e riscar linhas na autorrepresentação realizada sobre nós mesmos. É imaginar novas coordenadas capazes de servir de orientação. Em 2022 a maior exposição de arte contemporânea do circuito mundial, a Documenta de Kassel na Alemanha, trouxe pela primeira vez na história um coletivo na curadoria advindo do Sul global da Indonésia tendo como resultado uma maior pluralidade de artistas na mostra.

Seguindo essa tendência, a mostra "Sulear" abre as portas investigando, criando, e experienciando novas imaginações artísticas. É a hora e o momento do sul global mostrar do que é composto e das artes criar potências e transformações.

Bibliografia

GALEANO, Eduardo H., **As veias abertas da América Latina**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 307 p. ((Estudos latino-americanos; 12).

SULear e decolonialidade: a partir do, pelo e para o Hemisfério Sul

Marcio D’Oliveira Campos

aposentado da UNICAMP nos departamentos de Física Aplicada (1972-1993) e Antropologia (1993-1998), lá criou ‘ALDEBARAN - Observatório a Olho Nu’ (2006). Cunhou o termo SULear (1991) e mantém seu site. Interessa-se por educação de inspiração freireana e por saberes locais (pescadores e indígenas) nas relações terra-céu.

Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português

Oswald de Andrade (1927)

Sulear, termo ausente dos dicionários de português, é uma reação contra a exclusividade de sua antinomia, Nortear.

Apenas Nortear consta dos dicionários brasileiros e ainda impera no próprio Hemisfério Sul, onde o termo Sulear¹, a ser detalhado mais adiante, é que deveria ter papel predominante.

Embora ambos, Sulear e Nortear, compartilhem uma origem geográfica comum relativa à orientação no espaço, existem outros aspectos denotativos e conotativos como o ideológico e o geopolítico, que explicitam relações de poder e de dominação.

Parafrazeando alguns de “nossos” dicionários, o verbete Nortear chega a sugerir coisas desse tipo:

Nortear:
Orientar;
ser levado ou guiar-se numa determinada direção intelectual, moral, ética, religiosa etc.

❖ Colonialismo, colonialidade e decolonialidade

O colonialismo europeu ocupou as Américas e a Austrália até o século XVII assim como a maior parte de África até ao início do século XIX. Contudo, foi somente em 1975 que a última colônia africana, o Saara Ocidental, tornou-se independente da colonização espanhola.

Em tempos atuais, apesar do fim histórico da colonização, surgiram novas formas de dominação – por vezes veladas – pelas quais a dependência adquire diversos modos de

¹ Verbetes Sulear e Surear na Wikipedia em português e espanhol foram elaborados pelo linguista e professor de espanhol Antônio Carlos Silva Júnior do Colégio de Aplicação (CODAP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

dominar entre países ou conjunto de países. Algumas dessas formas denominam-se: neocolonialismo, globalização, embargo econômico, eurocentrismo, epistemicídio.

A colonização, apesar de historicamente não mais existir, deixou rastros do sofrimento de pessoas, grupos e nações impregnados nas representações individuais e coletivas dos tempos, temporalidades e sentipensares^{2,3} coloniais. É como se ela se fizesse presente nos corpos colonizados como “uma amargura arraigada aqui no peito”. Esse sofrimento perene, é hoje denominado colonialidade e, por oposição, a luta contra esse rastro é denominada decolonialidade. Luta essa que pela decolonialidade se estende contra as novas e diversas formas de dominação do presente. Entre os detentores dessas lutas encontra-se um coletivo de engajados intelectuais latino-americanos, o “Grupo modernidad/colonialidad”⁴.

❖ Epistemologias do Sul

Por outro lado e em Portugal, a equipe criada pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos no ‘Centro de Estudos Sociais’ (CES) na Universidade de Coimbra⁵, se dedica, entre diversos temas decoloniais, ao trabalho sobre as “Epistemologias do Sul” que, segundo Santos numa entrevista⁶,

“são uma proposta epistemológica que pretende identificar, validar os conhecimentos nascidos nas lutas, nas lutas sociais contra a opressão que, na época moderna, foram fundamentalmente produzidas por três formas de dominação: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. São epistemologias porque procuram validar conhecimentos, conhecimentos outros, que não aqueles que estão validados pelas epistemologias do Norte. Desde o século XVII, as epistemologias do Norte têm vindo a construir a ideia de que o único saber científico é a ciência.”

(...)

“No entanto, a partir de certa altura, dei-me conta de que essa crítica interna não chegava. Era preciso fazer uma crítica externa, na medida em que era preciso reconhecer a existência de outros conhecimentos não científicos, que poderiam eventualmente dialogar com a ciência, e que tinham os seus próprios critérios de validade. Conhecimentos muitas vezes orais, colectivos, anónimos, das comunidades, os saberes a que também chamamos sabedoria. As epistemologias do Sul nascem dessa necessidade de criticar o monopólio epistemológico da ciência como conhecimento rigoroso. Nada disto é contra a ciência, a ciência é um conhecimento válido, que procura ser rigoroso, mas não é o único conhecimento válido. E a ciência contribui tanto mais para o progresso das sociedades quanto mais reconhecer que há outros conhecimentos ao lado da ciência, com outros critérios de validade e outras concepções de vida, de felicidade, da natureza, outras relações entre o indivíduo e a comunidade, modos de conhecimentos para quem a comunidade está primeiro que o indivíduo e não o indivíduo primeiro que a comunidade ou a sociedade, que não concebem a natureza como algo inerte e separado da vida humana para os quais a natureza não nos pertence nós é que pertencemos à natureza, conhecimentos que devem ser valorizados e eventualmente podem inclusivamente entrar em diálogo com a ciência, os diálogos a que eu chamo ecologia de saberes (ver, por ultimo, O Fim do Império Cognitivo, publicado pela Autêntica 2019), ...”

❖ Norte e Sul como categorias geográficas ou políticas e culturais?

Las barras y las estrellas se adueñan de mi bandera

² Sentipensar é a expressão de um camponês colombiano captada pelo educador Orlando Fals Borda. Ver “Orlando Fals Borda Concepto Sentipensante” em <<https://www.youtube.com/watch?v=mGAy6Pw4qAw&t=201s>>

³ O antropólogo colombiano Arturo Escobar reflete bastante sobre sentipensar como no artigo: ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la Tierra: Las Luchas Territoriales y la Dimensión Ontológica de las Epistemologías del Sur, **Revista de Antropología Iberoamericana**, v11, n.1, p. 11-32, Enero - Abril 2016: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5647073.pdf>>.

⁴ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_modernidad/colonialidad>

⁵ <<https://www.ces.uc.pt/pt/ces>>

⁶ Epistemologias do Sul - Entrevista com Boaventura de Sousa Santos por Cleyton Andrade, Boletim DOBRADIÇA, N° 2, São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 28 out. 2020. <<https://www.ebp.org.br/epistemologias-do-sul/>>

Y nuestra libertad no es otra cosa que una ramera
Y si la deuda externa nos robó la primavera
Al diablo la geografía, se acabaron las fronteras

Si el Norte fuera el Sur sería la misma porquería
Yo cantaría un rap y esta canción no existiría

Ricardo Arjona⁷

“Las palabras “Norte” y “Sur” no son únicamente categorías geográficas, son también y principalmente categorías culturales y políticas ...”

Arturo Andrés Roig⁸ (2002)

Boaventura de Souza Santos prossegue na mesma entrevista⁶ considerando um Sul geográfico que ele considera dominado pelas epistemologias do Norte incluindo-se o eurocentrismo e um Sul epistêmico nascido nas lutas emancipatórias e revolucionárias:

“Chamam-se epistemologias do Sul porque o sul não é um sul geográfico, o sul geográfico é tão dominado pelas epistemologias do norte quanto o Norte e, por vezes, mais. Basta analisar o que se ensina e aprende nas universidades de matriz eurocentrica. O Sul para mim é epistêmico, é exactamente o conjunto dos conhecimentos nascidos na luta, nas lutas anticapitalistas, anticolonialistas e antipatriarcais, lutas das mulheres, dos povos quilombolas, dos povos indígenas, dos povos colonizados, dos trabalhadores, que ao lutarem sempre usaram e produziram conhecimentos e esses conhecimentos nunca foram reconhecidos como tal. Portanto, é uma tentativa de captar esse processo de conhecimento que nasce na própria luta e no viver na luta contra a opressão.”

Por um ponto de vista presente nas ciências da sociedade dita de “tradição científica”, a epistemologia se refere a um estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados próprios de diversas ciências, destinado a determinar a sua origem lógica (não psicológica), seu valor e seu alcance objetivo. A epistemologia difere da ‘teoria do conhecimento’, pois estuda a produção do conhecimento contextualizada, não só na diversidade das ciências instituídas, mas também como nas diferentes formas extra-acadêmicas – como as populares e indígenas – de construção do conhecimento⁹. Todos esses impulsos e atos de conhecer, dirigimos à nossa vizinhança com seus desafios para que enquanto problema, enfrentemos criando respostas sempre provisórias e recorrentemente a cada enfrentamento do ‘obstáculo epistemológico’ ou ‘inédito viável’¹⁰ que o mundo nos desafia a enfrentar.

Vemos, portanto que, dependendo do grupo sociocultural e de seus indivíduos, quem é desafiado a construir saberes e a produzir intelectualmente, materialmente ou artisticamente, em consequência, elabora distintas formas de inscrições no mundo com textos, artefatos, pinturas rupestres etc. Cada um desses grupos identificados socioculturalmente, pode compreender uma epistemologia a ser estudada através da sua episteme: conjunto de saberes regulados (concepção de mundo, ciências, filosofias, saberes

⁷ Ricardo Arjona, “Si el Norte fuera el Sur” (música e letra) < <https://www.letras.mus.br/arjona-ricardo/2160/>>

⁸ ROIG, Arturo Andrés. Pensar la mundialización desde el sur. Huellas: búsquedas en artes y diseño, n.2, p.15-20, 2002. <https://bdigital.uncuyo.edu.ar/objetos_digitales/1271/roighuellas2.pdf>.

⁹ Ver LALANDE, André, Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie, 7^{ème} éd., Paris : PUF, 1956, p. 293

¹⁰ ‘Obstáculo epistemológico’ e ‘inédito viável’ são, respectivamente termos que compartilham certas analogias, discutidos pelo filósofo francês Gaston Bachelard (A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento) e por Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido). Ver também CAMPOS, Marcio D’Oliveira. Paulo Freire entre a Boniteza do Ato de Amar e a Boniteza do Ato de Educar (p. 199-235). In FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). A palavra boniteza na leitura do Mundo de Paulo Freire, São Paulo: Paz e Terra, 2021, p. 212-226

e fazeres etc.) específicos de um grupo social, de uma época ou mesmo de uma área geográfica com características que a identifiquem.

❖ **Por que passar a SULEar-se no Hemisfério Sul contrariando o NORTEar, inútil para o Sul?**¹¹

O termo SULEar foi criado em 1991 pelo presente autor – doutor em física e antropólogo autodidata¹² - que tem desenvolvido discussões em diversas publicações no site SULEar, assim como em vídeos disponíveis na Internet¹³. Um ano depois, Paulo Freire (1992) utilizou SULEar em seu livro *A pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Para isso, Paulo pediu que eu redigisse a nota 15 na página 218. Esta que foi editada Ana Maria “Nita” Araújo Freire para esclarecer o termo Sulear mencionado na página 24 do corpo do livro¹⁴.

SULEar problematiza e contrapõe o caráter ideológico do termo NORTEar (Norte: acima, superior; Sul: abaixo, inferior), dando visibilidade à perspectiva do Sul para contrariar a lógica dominante do eurocentrismo a partir da qual o Norte apresenta-se para os dois Hemisférios como uma referência pretensamente universal.²⁶



Fora os importantes aspectos geopolíticos envolvidos, a preocupação iniciou-se em reação a maneira como se trata a orientação espacial e os pontos cardeais no Brasil desde os primeiros anos do ensino fundamental. A regra importada do Norte para ensinar os pontos cardeais é impregnada pelo fato de que naquele Hemisfério a orientação noturna se baseia na estrela Polar, a qual nunca pode ser vista no Hemisfério Sul.

Apontar o Sol nascente com a mão direita, nos coloca de frente para o Norte e assim, a noite, o Cruzeiro do Sul estará visível atrás de nós. E como se essa regra escorresse do Norte e nós inadvertidamente a engolíssemos sem conferir. É incrível e inadmissível que isso seja publicado e recomendado em livros didáticos além de em orientações didáticas de apoio na internet.

Muitas práticas de percepção ambiental e de observação das relações terra-humanos-céu ocorreram no horizonte da praça-observatório “ALDEBARAN – Observatório a Olho Nu (UNICAMP)”. Foi concebido por esse autor com o apoio arquitetônico de Beatriz Goulart de Faria e inaugurado em 1986.

O trecho a seguir nos reforça a concepção de Aldebarã no editorial do estimado jornalista Josimar Melo, hoje com extrema competência dedicado à gastronomia e à culinária, sem deixar de lado seus aspectos socioculturais, o que podemos sintetizar como uma dedicação à comida. Além do editorial a reportagem de Marisa Naggar apresenta conteúdo bastante

¹¹ D’OLNE CAMPOS, M. Por que SULEar? Marcas do Norte sobre o Sul, da escola à geopolítica’ In: CAMPOS, M. D. (org.). Dossiê Sulear, Revista Interdisciplinar Sulear, ano 2, n. 2, p. 10-35. 2019. Belo Horizonte: Editora da UEMG, 2019. p. 180.

<<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2020/01/Dossie-Sulear-SUREar.pdf>>.

¹² Ver Currículo Lattes em <<http://lattes.cnpq.br/3238046640943002>>.

¹³ Ver as publicações no site no site SULEar <<https://sulear.com.br/beta3/publicacoes/>> e discussões e entrevistas várias no canal Youtube: <https://www.youtube.com/@SULEar_decolonial>.

¹⁴ Ver o texto “Paulo Freire adere ao SULEar” em <<https://sulear.com.br/beta3/curtas/>> e fac-símiles de extratos desses trechos referidos no exemplar de ‘Pedagogia do Oprimido’ (1992) a mim dedicado por Nita e Paulo Freire em <https://www.sulear.com.br/textos/p_freire_sulear.pdf>.

interessante e fiel¹⁵. Voltando ao Observatório a Olho Nu, sobre ele Josimar escreveu esse trecho primoroso e de total compreensão da nossa proposta, do qual procurei guardar a formatação original:

A NATUREZA FALA POR MUITAS BOCAS. **MAS** É PRECISO TER OUVIDOS PARA OUVIR SUAS MENSAGENS. **O CÉU** CONTA HISTÓRIAS, ORIENTA, AVISA. **BASTA** TER OLHOS PARA OLHAR. **DES**VENDAR OS SEUS RECADOS MESMO SEM LUNETAS, TELESCOPIOS. **DE** QUE ADIANTA SABER LIGAR O COMPUTADOR SE NÃO SE SABE CONTAR? **O OBSERVATÓRIO A OLHO NU** DE CAMPINAS É UMA VISÃO DO PASSADO APONTANDO PARA O **FUTURO**. **AONDE** OS ASTRONAUTAS DE AMANHÃ PODEM APRENDER HOJE QUE, NO BRASIL, O NORTE DEVEIA FICAR NO SUL — SÓ NÃO FICA PORQUE AS NOÇÕES DE ASTRONOMIA USADAS AQUI FORAM TRAZIDAS DE OUTRO HEMISFÉRIO. **MAS NÃO É TARDE PARA APRENDER**. É BOM SABER QUE ESTE OBSERVATORIO ESTÁ SENDO IMPLANTADO NA UNICAMP, CONSIDERADA DAS MAIS MODERNAS UNIVERSIDADE DO PAÍS. MODERNIDADE TAMBÉM É ISSO.

(...)

JOSIMAR MELO

Assim é se lhe parece
Pirandello

Ainda sobre ALDEBARAN, vale ressaltar mais duas matérias. Uma no site do tradicional Espaço Ciência Viva do bairro da Tijuca no Rio de Janeiro¹⁶. Outra é matéria da excelente jornalista – no conteúdo e na sua bela escrita – Elaine Tavares, associada ao ‘Instituto de Estudos Latino-Americanos’ (IELA) da Universidade de Santa Catarina (USC, Florianópolis)¹⁷.

Sobre SULEar, Aldebarã e astronomia a olho nu e saberes das relações terra-humanos-céu dentro da diversidade sociocultural do nosso planeta, diverso material de artigos acadêmicos, entrevistas, encontros e apresentações em vídeos estão presentes no site SULEar (<www.sulear.com.br>).¹⁸

Revisando! Por tudo isso seria instrutivo e contextualizado se contrariássemos e regra prática apenas do Norte e aqui no Sul, apontássemos a mão esquerda para o Sol logo após o seu nascer. Assim o Oeste ficaria a nossa direita e, a nossa frente no sentido sul, agora sim

¹⁵ Ver por Josimar Melo [editorial] e Marisa Naggar [entrevista]: A Olho Nu: Uma Nova Leitura do Mundo, Caderno VIVA, n. 6, Folha de São Paulo G-3 sexta-feira, 2 de setembro de 1988, p. 1, 2, 4, 5.
<https://sulear.com.br/FSP_VIVA_A_Olho%20Nu.pdf> ou em P&B nos arquivos da FSP: <<https://bit.ly/473SMkW>>

¹⁶ Espaço Ciência Viva (Rio de Janeiro). Observatório a Olho Nu Aldebaran, Campinas. Série AST: Astronomia sem Telescópio. Observatórios a Olho Nu. <<http://cienciaviva.org.br/index.php/2020/05/22/observatorio-a-olho-nu-aldebaran>>

¹⁷ A origem do sulear, IELA em 23 de outubro de 2019. <https://iela.ufsc.br/a-origem-do-sulear/>

¹⁸ No Canal YouTube, pode-se buscar por “*marcio d’olne campos @sulear decolonial*” para encontrar vários vídeos relativos à nossa discussão. Selecionei alguns pedindo desculpas pelos limites de formatação numa nota de rodapé: | *Paulo Freire - 100 anos: Ler o mundo é essencial, com Marcio D’Olne Campos e Adriana Silva* <<https://www.youtube.com/watch?v=-UgOaCe7qzI&t=207s>> | *A origem do termo sulear, com Márcio D’Olne Campos - Podcast do [Gustavo] Conde* <<https://www.youtube.com/watch?v=KxUkMBdfY8s&t=1415s>> | *SULEar: Uma proposta decolonial nas relações com Sul global* <<https://www.youtube.com/watch?v=oA7Avw8mqRE&t=4813s>> | *“Centenário Paulo Freire: Um legado para ler os mundos”* <<https://www.youtube.com/watch?v=TL1Jmx57URA&t=4262s>> | *PlanetaRio Café - Episódio 9* <<https://www.youtube.com/watch?v=45Tmo6307-Q&t=95s>>. Não reparem mas alguns vídeos sugeridos que nem assisti têm aparecido nesse meu canal

poderemos visar o Cruzeiro do Sul! Esse diuturno esquema prático corporal nos permitirá SULear a noite, sabendo que a nossa esquerda, no dia seguinte, o Sol nascerá.

É revoltante que uma simples regra prática utilizável no Norte seja assumida aqui no Sul como se fosse uma teoria globalizante quando, de fato, esta é uma regra inapropriada a ponto colocar de costas para o Cruzeiro do Sul até mesmo ao sugerir observações noturnas dessa constelação.

Descasos dessa ordem sobre o contexto no qual nos situamos para observar permeiam nossos livros didáticos, assim como a internet¹⁹.

Pelas considerações acima sobre a necessidade de uma radical revisão ensino fundamental no Hemisfério Sul — ou pelo menos no Brasil — trazemos aqui uma homenagem a Joaquin Torres Garcia, artista plástico e intelectual com marcada preocupação e ação pelas causas sociais na sua 'A Escola do Sul' (*La Escuela del Sur*) que já em 1935, era um crítico perspicaz das marcas do Norte sobre o Sul. Associado ao seu famoso mapa invertido da América do Sul ele produziu um texto contendo esta importante ressalva:

Uma importante escola de arte teve que ser criada aqui em nosso país. Digo sem nenhuma hesitação: aqui em nosso país. E tenho mil razões para afirmá-lo.

Disse Escola do Sul, porque em realidade, nosso Norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, a não ser por oposição ao nosso Sul.

Por isso, agora colocamos o mapa ao inverso e então temos justa ideia da nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, desde já, prolongando-se, assinala insistentemente o Sul, nosso Norte. Igualmente a nossa bússola: inclina-se imperdoavelmente sempre para o Sul, para o nosso polo.

Os navios, quando partem daqui, descem, não sobem como antes, a fim de partirem para o norte. Porque o Norte agora está abaixo. O nascente, posicionando-nos de frente para o nosso sul, está à nossa esquerda.

Esta retificação era necessária; por isso agora nós sabemos onde estamos.²⁰

Mario Benedetti (1920-2009), intelectual uruguaio com uma diversificada e magistral produção literária, sempre nos deu e sempre dará motes para reflexões e posturas SULeadas. No Quadro a seguir, seu poema "El Sur También Existe" (1986) ilustra as oposições hemisféricas Norte/Sul e cardeais norte/sul. Note-se que o texto foi propositalmente disposto sob uma ordem cartograficamente NORTEada, a fim de respeitar a magistral ironia de Benedetti. Esta poesia também mereceu ser musicada e cantada pelo catalão Juan Manuel Serrat²¹ do qual segue seu belo introito por minha tradução livre que fazia parte de um vídeo, aparentemente hoje inexistente na Internet:

"Nem sempre o Norte e o Sul coincidem com o norte e o sul geográficos, com os pontos cardiais.

É que sempre cada norte tem um sul e cada sul tem um norte

Eu digo que o Norte é o poder e que o Sul é tudo aquilo que luta contra a injustiça.

E digo que o Norte é o dinheiro e o Sul a fome.

¹⁹ Um desses absurdos está num site de apoio didático com a desfaçatez de se denominar "Cola da Web" para desorientar estudantes na seção "Orientação pelo Cruzeiro do Sul". Um desenho mostra uma menina olhando no sentido norte e a constelação do Cruzeiro do Sul aparece atrás dela. Ainda mais absurdo é que, para no Sul, se sujeitar à regra do Norte, o desenho mostra uma linha pontilhada que sai da parte traseira da cabeça na menina – onde não tem olho! – e atinge a constelação do SUL. Portanto, a menina obedece cega e literalmente, à regra do Norte, e apenas imagina a constelação típica do Hemisfério Sul em sua retaguarda e na direção da linha pontilhada. <<https://www.coladaweb.com/geografia/meios-orientacao-localizacao>>.

²⁰ TORRES GARCÍA, Joaquín. *Universalismo Constructivo*. Buenos Aires: Ed. Poseidón, 1941.

²¹ <https://www.youtube.com/watch?v=SbFtygyt_F0>

Que o Norte é o passado e o Sul o porvir.
Que o Norte é o medo e o Sul é a esperança.
Que o Norte é a força, o Sul a astúcia.
Eu digo que o Norte é a pressa e o Sul a paciência.

El Sur También Existe		
Mario Benedetti		
Con su ritual de acero, sus grandes chimeneas, sus sabios clandestinos, su canto de sirenas, sus cielos de neón, sus ventas navideñas, su culto de dios padre y de las charreteras, con sus llaves del reino, el norte es el que ordena.	con sus predicadores, sus gases que envenenan, su escuela de chicago, sus dueños de la tierra, con sus trapos de lujo y su pobre osamenta, sus defensas gastadas, sus gastos de defensa, con su gesta invasora, el norte es el que ordena.	con su corno francés y su academia sueca, su salsa americana y sus llaves inglesas, con todos su misiles y sus enciclopedias, su guerra de galaxias y su saña opulenta, con todos sus laureles, el norte es el que ordena.
pero aquí abajo, abajo, el hambre disponible, recurre al fruto amargo de lo que otros deciden, mientras el tiempo pasa y pasan los desfiles, y se hacen otras cosas que el norte no prohíbe, con su esperanza dura, el sur, el sur también existe	pero aquí abajo, abajo, cada uno en su escondite, hay hombres y mujeres que saben a qué asirse, aprovechando el sol y también los eclipses, apartando lo inútil y usando lo que sirve, con su fe veterana, el sur también existe.	pero aquí abajo, abajo, cerca de las raíces, es donde la memoria ningún recuerdo omite, y hay quienes se desmueren y hay quienes se desviven, y así entre todos logran lo que era un imposible, que todo el mundo sepa, que el sur también existe

Desse modo, terminamos poeticamente — embora sempre provisoriamente —, propondo...

...SULear como uma forma de resistência...

a um ensino NORTEado para que resistamos ao eurocentrismo e à colonialidade em geral para defender e lutar por uma **leitura dos mundos** e uma **educação** apoiadas pelas artes. Com essa compreensão, postura e ação, não nos reduziremos apenas a ensinar o mundo, mas, sobretudo, a...

... a **EDUCAR para LER OS MUNDOS e**
ENFRENTAR E SUPERAR SEUS INÉDITOS VIÁVEIS
para o exercício da CIDADANIA.

Sempre de forma
SENTIPENSANTE,
SULeada
e
DECOLONIAL



Adriana Montenegro



Novos mundos; arte digital; impressão em aço inox e em placa PS 2 mm; 50 x 24,5 cm; tiragem 5; 2002/2023

Releitura de "Vaca sagrada", 2002, que foi por sua vez releitura de "Cow world", de Jugoslav Vlahovic.

Ana Luiza Mello



Animal híbrido; técnica mista com materiais reciclados; 120 x 25 cm diâmetro. 2023

Ana Paula Alves de Souza



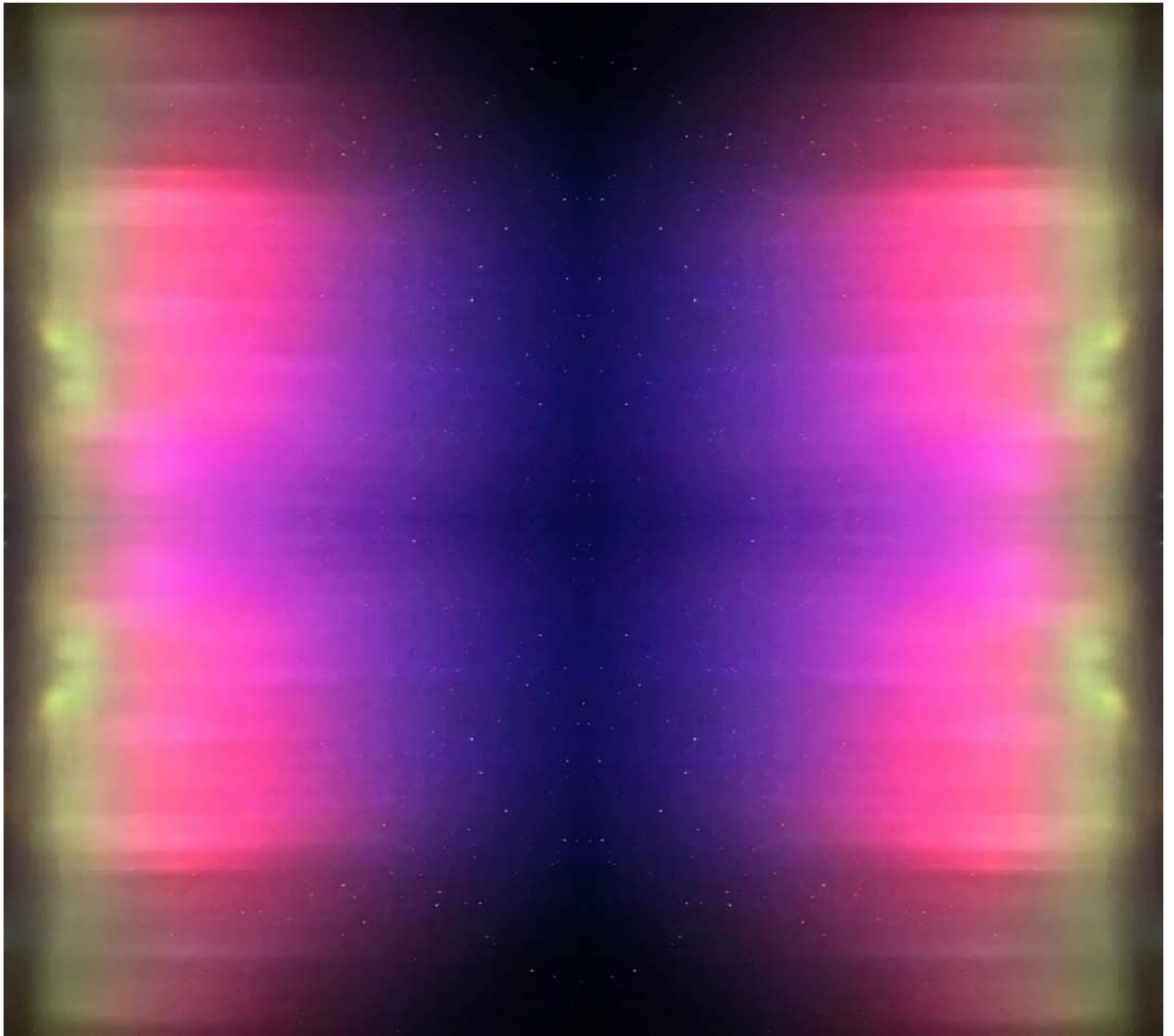
Shame; técnica mista; impressão s/ lona; 60 x 90 cm; 2023

Angela Moraes



A caminho do sul; arte digital, impressão em lona plástica; tiragem única; 42 x 60 cm; 2023

Angela Parente



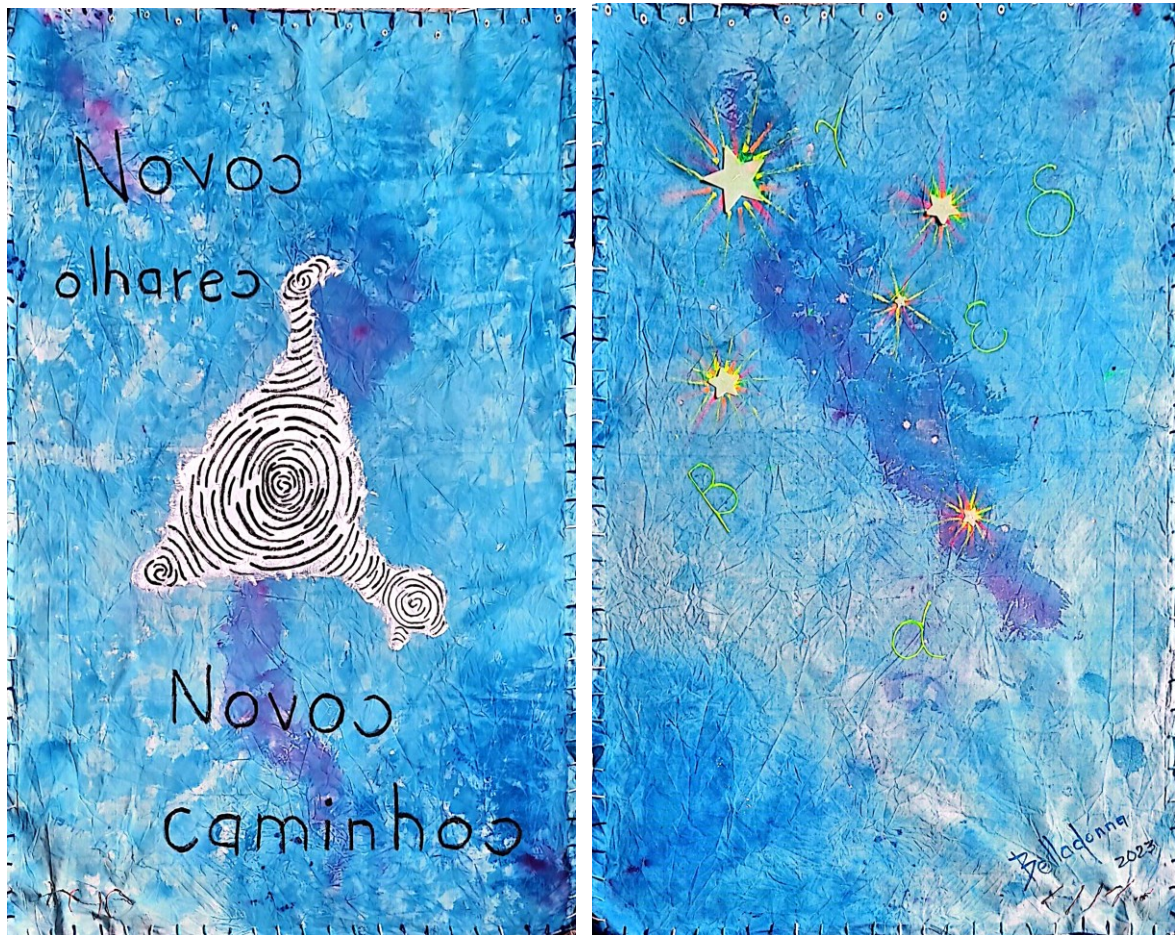
Auroras; colagem digital, impressão fine art; 21 x 29 cm; 2023

Augusto Herkenhoff



Assemblage; fotografia; tiragem 5; 60 x 60 cm; 2014

Belladonna



AUSTRALIS; panô pintado em acrílica, fio de lã, fio de cobre, estrelas fluorescentes;
121 x 79; 2023

Betty Zajdenweg



Boop Blue 3; técnica mista; 19 x 24 cm; 2023

Carla Crocchi



O Homem que optou por sulear; arte digital, impressão fine art; 60 x 60 cm; tiragem única; 2018

Conceição Durães



Sem título; técnica mista, fotografia de obra em acrílica da artista, impressão s/ lona starflex brilho 280g frente e verso, intervenção com colagem, tiragem única; 100 x 50 cm; 2023

Daniela Versiani



Caminhos; madeira e folhas metálicas; 160 x 160 x 50 cm; 2022

Daniele Bloris



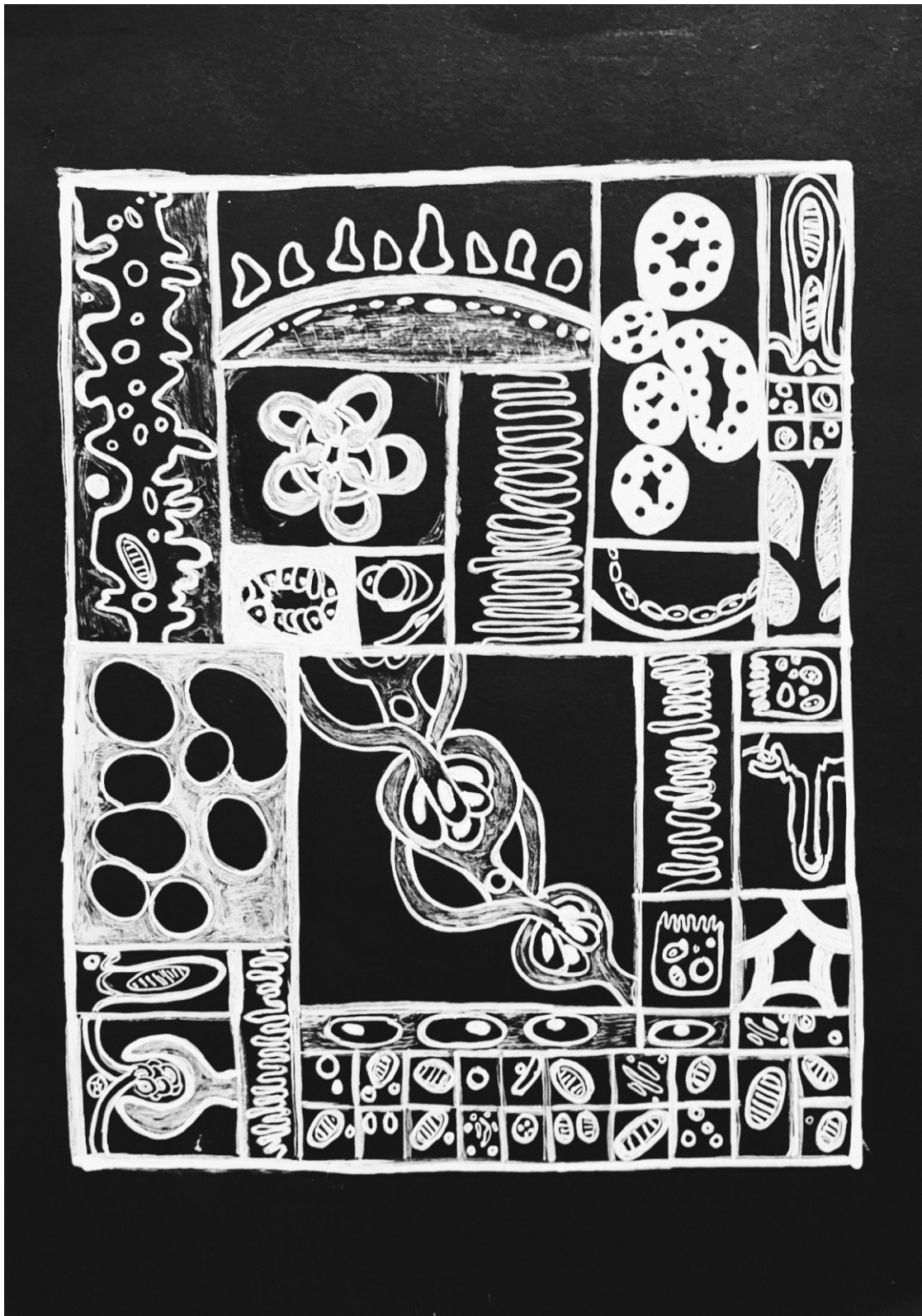
Sopros; técnica mista, impressão fine art; 90 x 70 cm; 2022

Débora Guimarães



O grito; arte digital, impressão em lona; tiragem única; 2023; 190 x 120 cm

Dulce Lysyj



Homenagem a Torres García; desenho com caneta Posca s/ papel; 29,7 x 21 cm; 2023

Gilda Goulart



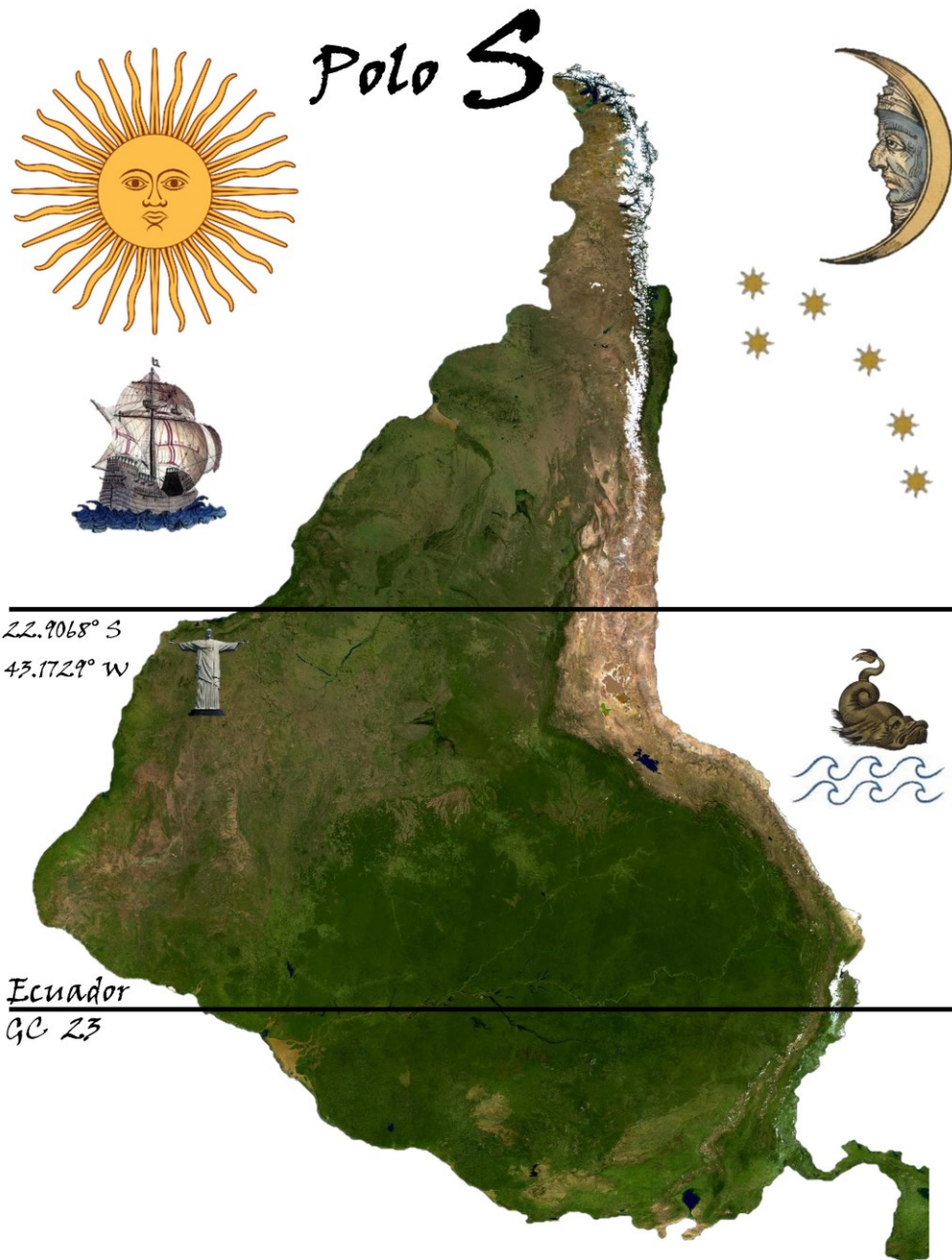
Via Brasil, impressão e colagem s/ lona; 45 x 45; 2023

Graci Kaley



Sulear; acrílica s/ lona; 134 x 95 cm; 2023

Gringo Carioca



América divertida; arte digital, Impressão Fine Art; 40 x 60 cm; tiragem: 10; 2023

Hortensia Pecegueiro



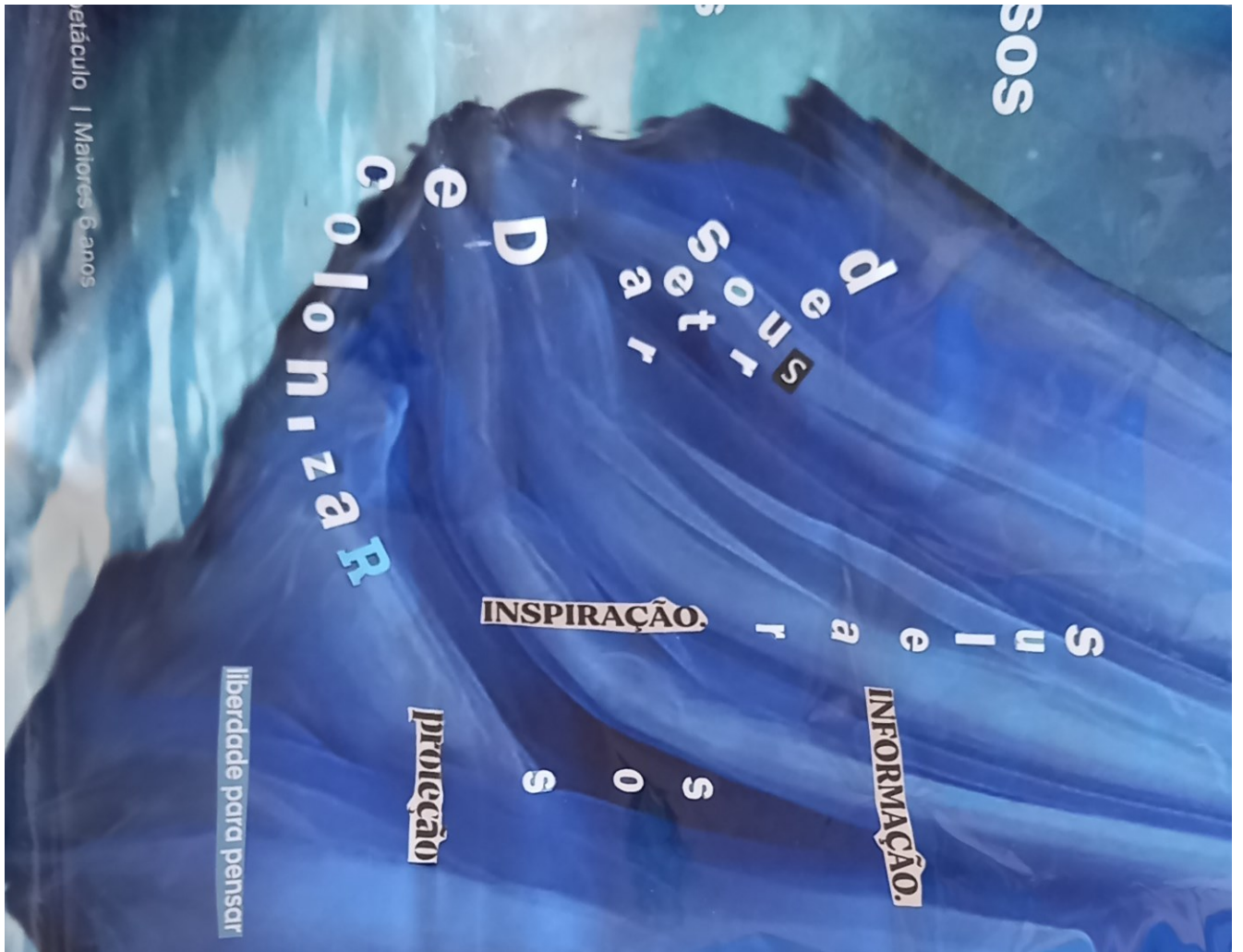
Frutos latinos, acrílica s/ tela; 50 x 69 cm; 2023

Ilda Fuchshuber Falacio



Eu suleio, tu suleias, nós suleamos; acrílica s/ cartão; 55 x 50 cm; 2023

Traceia de Oliveira



Sem título; colagem s/ banner reaproveitado; 55 x 64 cm; 2023

Isabella Marinho



Sem título; arte digital a partir de obras da artista, impressão s/ lona; 105 x 95 cm; tiragem única; 2023

Jaci Rabelo



S/título; fotografia, impressão em tecido; tiragem única; 66 x 100 cm; 2023

Jarbas Paullous



S/título; instalação: madeira e ferro; 2018

A tarefa criativa da humanidade começa a mudar de latitude (...) Aqui está a opção do Terceiro Mundo: um futuro aberto ou a miséria eterna (...) Temos de construir nosso próprio caminho de desenvolvimento (...) A civilização burguesa está num beco sem saída (...) Enquanto isso, abaixo da linha do hemisfério, germina a vida. Uma arte nova ameaça brotar.

Mário Pedrosa, Discurso Aos Tupiniquins ou Nambás, 1975.

Lando Faria



Série Lavradio; fotografia, impressão em banner e impressão fine art; 80 x 80 cm e 25 x 25 cm respectivamente; tiragem 10 + PA; 2023

Laudy Mendes



Suleando; acrílica s/ tela; 40 x 60 cm; 2023

Leila Bokel



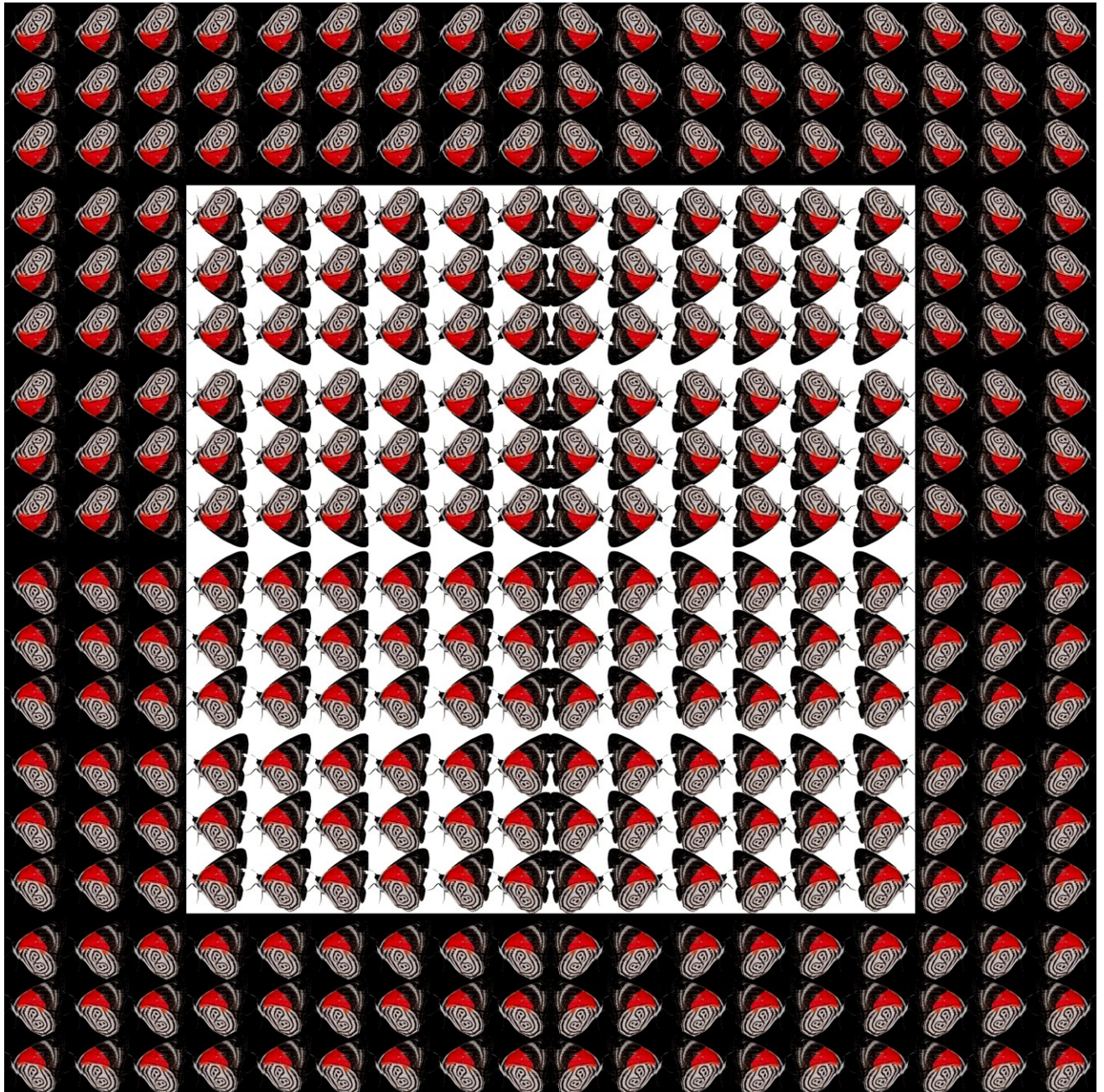
Amigos eternos e infinitos; tecido de algodão, fio de algodão e acrílica; dimensões variáveis (aproximadamente 100 x 60 x 20 cm); 2023

Lenn Cavalcanti



Sem título; arte digital s/ placa PVC; 50 x 50 cm; 2023

Let Cotrim



Panapaná; fotografia digital e colagem, impressão em tecido Oxford sintético, com ilhoses nas bordas e impressão fine-art em papel Hahnemühle Photrag Satin 310 gsm 100% algodão; 60 x 60 cm; tiragens únicas e PA; 2022

SULEAR é sobre o sul e sua importância.

As borboletas "88", do gênero *Diaethria*, típicas da América do Sul e ameaçadas na natureza, aparecem em revoada, panapaná, para reclamar o seu lugar.

Leticia Potengy



Sem título; técnica mista, aquarela e giz de cera; 42 x 59,4 cm; 2023

Liana González



Guardiões do Sul; fotocomposição, impressão fine art em papel Canson mate 180g, com pigmento mineral; 90 x 120 cm; tiragem 10; 2023

Lu Guedes



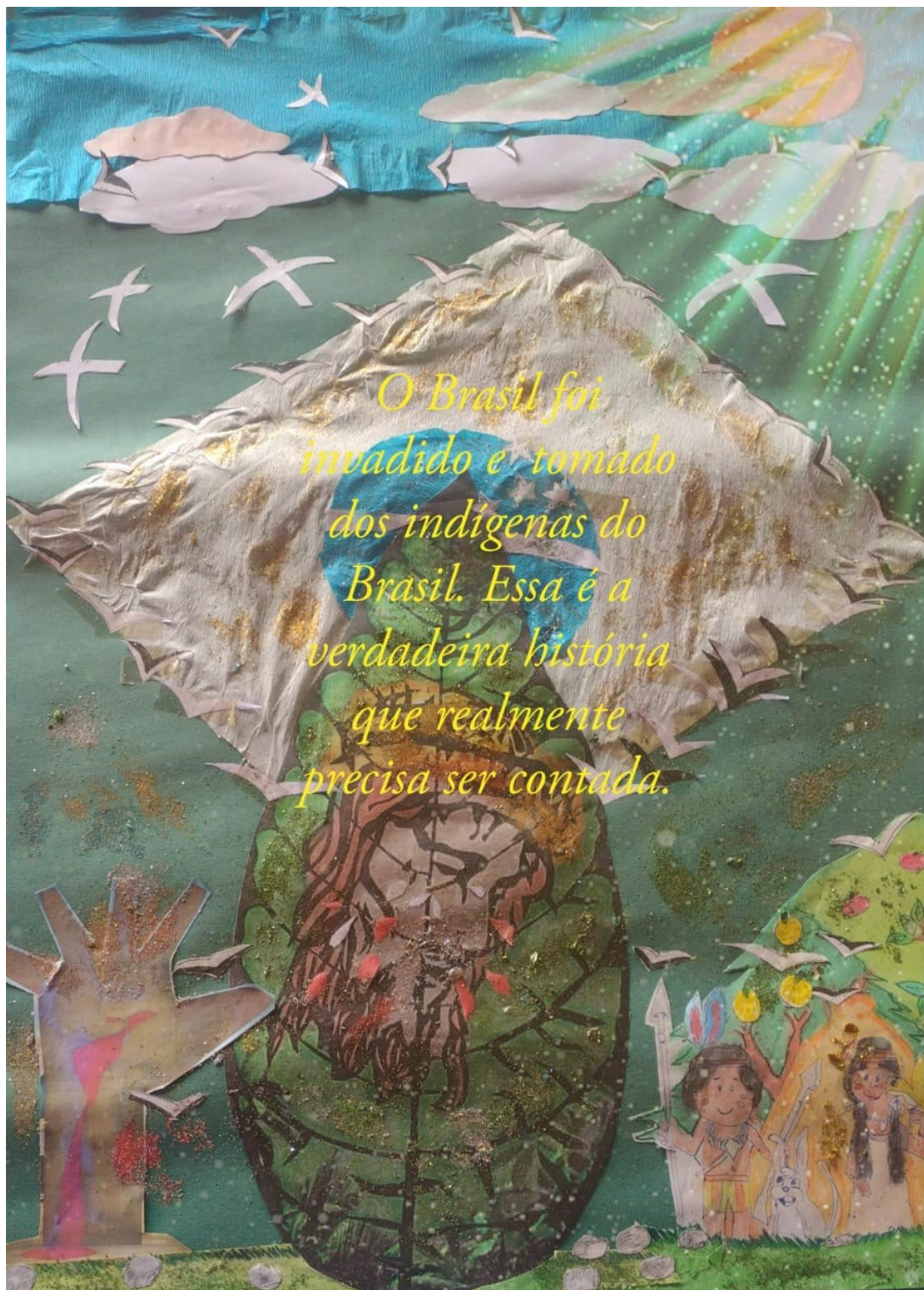
Sem título; monotipia s/ papel Canson 300g.; 30 x 21 cm; 2020

Luiza Kraft



Boneca Quebrada; arte digital, impressão s/ tecido; 116 x 286 cm; 2023

Marcelo Veiga



Massacre dos povos originários: A história não contada; técnica mista e edição, colagem, purpurina; guache; lápis cera aquarelado, papel crepom s/ cartolina; 40 x 67 cm; 2023

Marcio Kozlowski



O céu não é azul, bebê; estampa digital s/ Oxford; 100 x 70 cm; tiragem 5; 2023

Maria Cecília Leão



Sem título; pintura em tecido; 85 x 61 cm; 2023

Maria Veronica Martins



Esperança; aquarela; 35 x 50 cm; 2023

Marise Barros



Gentes sofridas; acrílica e pastel oleoso s/ tela; 82 x 100 cm; 2023

A tela sofrerá interferência dos elementos climáticos durante a exposição

MarQo Rocha



Is real or not Is real I e II (díptico); técnica mista: sucata s/ lona, sucata e esculturas de espuma s/ juta e lona e sucata, lona e cartuchos de AR 15 usados respectivamente; 200 x 120 cm; 130 x 60 cm e 220 x 20 cm respectivamente; 2023

Marta Bonimond



Para Joaquim Torres Garcia; técnica mista s/ placa de cimento; diâmetro aproximado 100 cm; 2023

Maurício Theo



Encantamento - Sulear homenagem ao mestre Serra; fotografia digital e colagem;
30 x 40 cm / 50 x 60 cm; 2023

Miro PS



Horizontalizar; arte digital, impressão s/ banner e fine art; 35 x 70 cm; tiragem 5; 2023

Morgana Souto Maior



Série ZOGUIS (Díptico); termofusão de plásticos; 70 x 50 cm; 2023

Nanda Godoy



Festejo e Fé; impressão em papel couche, colagem lambe s/ compensado; 76 x 95 cm; tiragem única; 2020/2023

Regina Moura



...Ao Sul; monotipia s/ papel Canson; 40 x 30 cm; 2023

Roberta Costa



Sulear-se; fotografia de obra, impressão em lona plástica e nanquim, acrílica e aquarela s/ papel Canson; 124 x 87,5 cm (tiragem única) e 21 x 29,7 cm; 2023

Roberta Salgado



Cadê a água?; instalação, objetos diversos; 2023. Fotografia Luciana Dau

Rose Aguiar



Guaibando; fotografia digital, impressão s/ banner e fine art; 70 x 50 cm e 60 x 40 cm respectivamente; tiragem 10; 2018

Rose Nobre



Os caminhos da justiça na AL; técnica mista; 100 x 40 cm; 2023

Salazar Figueiredo



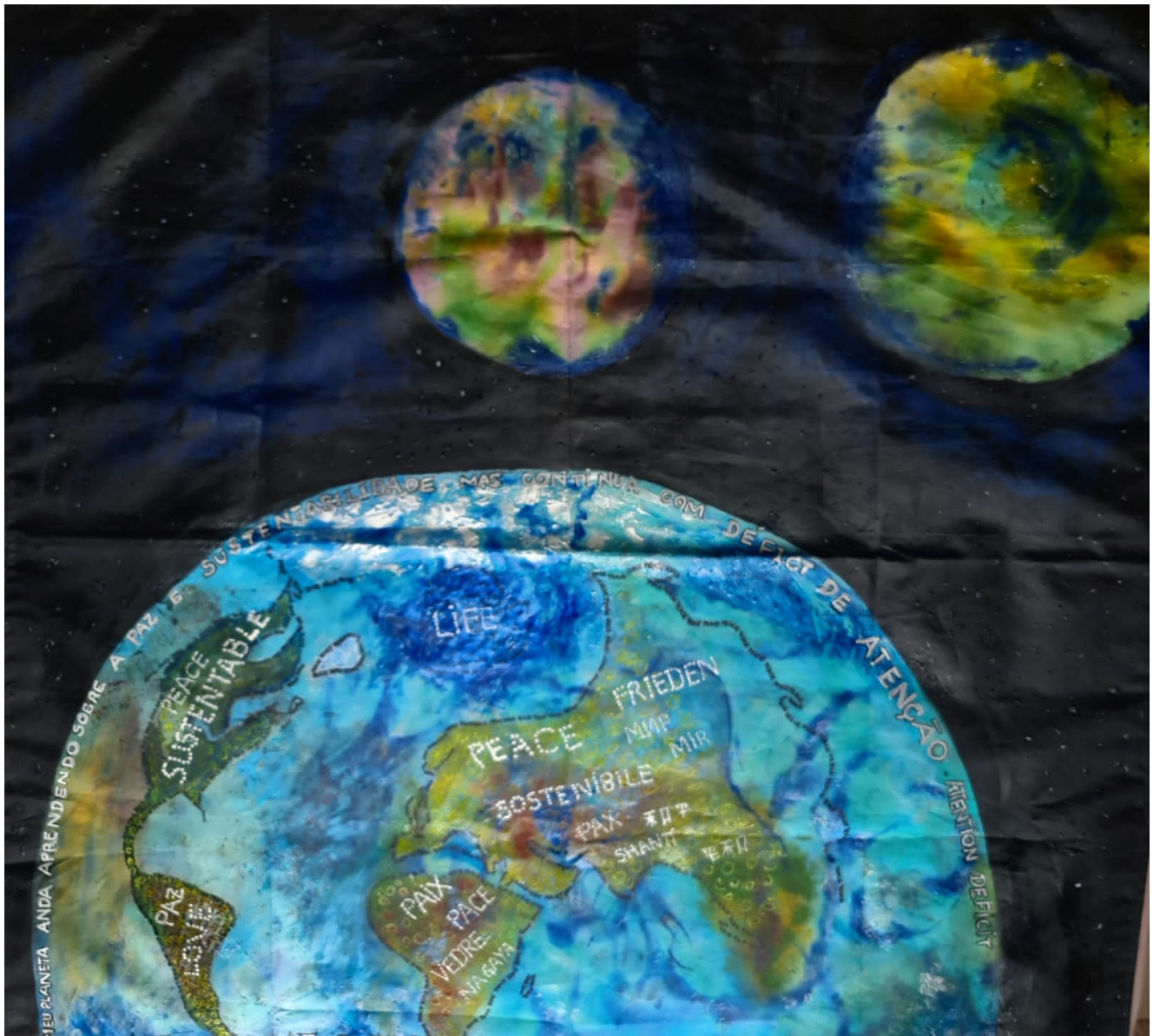
Propaganda não enganosa; fotomontagem, impressão em canvas; 84 x 60 cm; tiragem 10; 2023

Sandra Schechtman



Su(l)rreal; técnica mista, objeto com interferência nas duas faces; 20,5 x 35,5 x 5,5 cm; 2023

Silvana Godoi Câmara



Attention Deficit - Déficit de Atenção; técnica mista s/ lona acetinada; 95 x 100 cm; 2023

Meu planeta anda aprendendo sobre paz e sustentabilidade, mas continua com Deficit de Atenção.

Silvio Moréia



Ensaio "Tempos Soditrevni" – Esperança; técnica mista; impressão em lona; 90 x 69 cm; 2021

Sissi Kleuser



Vento Sul; acrílica s/ tela; 75 x 75 cm; e arte digital; impressão s/ lona; 50 x 50 cm;
2021

Sonia Xavier



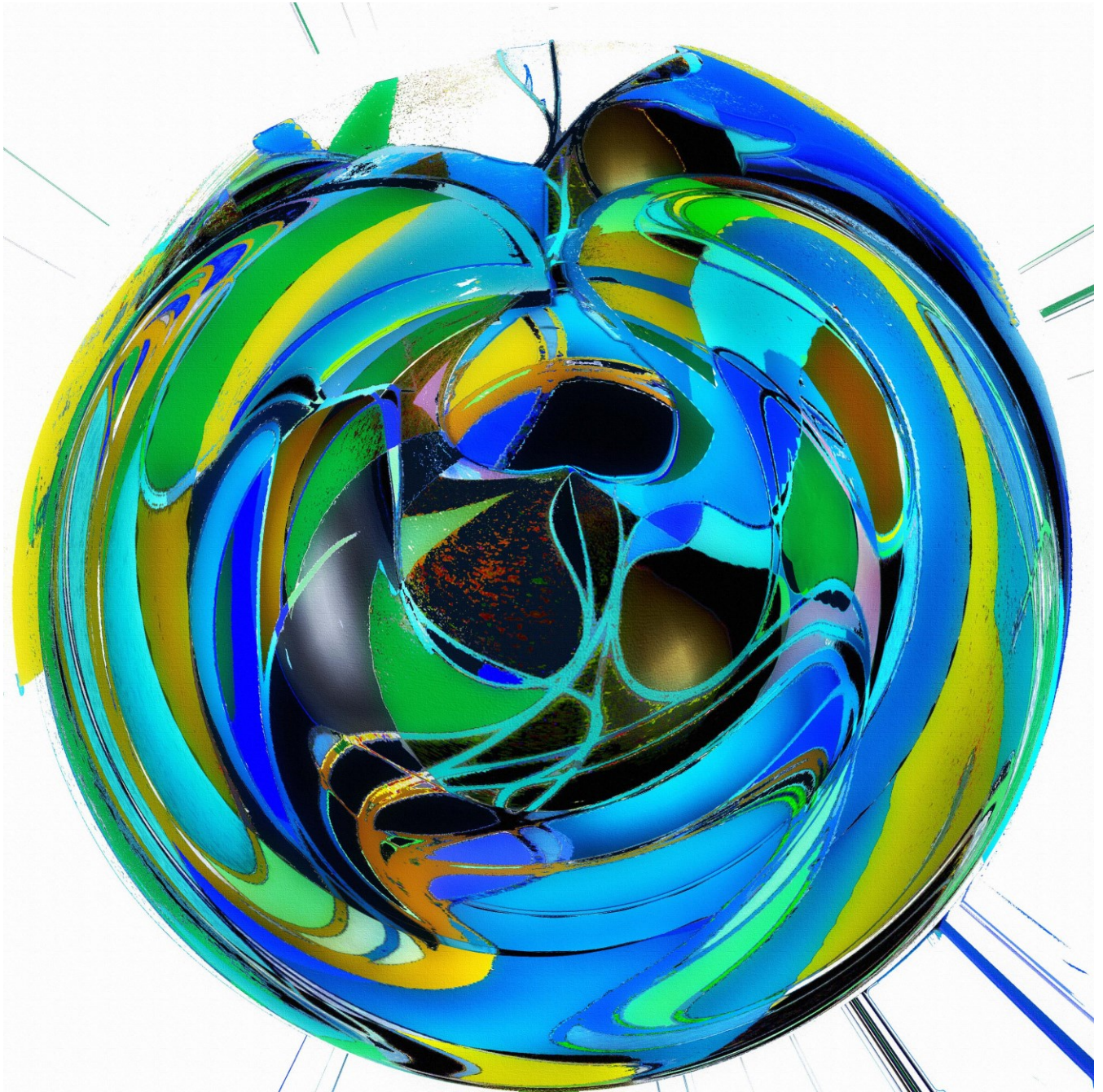
Uma centelha de luz; acrílica s/ chapa de ferro; 80 x 30 cm; 2023

Tânia Torres



Surreal; técnica mista: lona, folha, fogo, acetato, pigmentos; 40 x 40 cm; 2023

Teresinha Mazzei



Surpreendendo; infoarte s/ fotografia de Fios de Cabelos, impressão fine art s/
Canvas; 60 x 60cm; tiragem 1/10; 2018/2023

Theo Gomes



Ave em Formas e Transformações; ilustração digital, impressão fine art certificada em papel 100% algodão Hahnemühle William Turner 310gsm, padrão museológico; tiragem única; 40 x 50 cm; tiragem 50; 2023

Utilização de princípio visual fundamental que enfatiza como os elementos visuais diversos, incluindo quadrados, círculos, triângulos e retângulos, são organizados de maneira a criar uma figura única e coesa da ave de rapina para a composição artística.

Victor Pereira



A Barca dos Mortos e o projeto de 500 anos de História; imagem de xilografia e lápis hidrográfico, impressão s/ banner; 88 x 48 cm;

Vilma Lima



Americanart Sulear; aplicação de tecido, bordado e acrílica s/ feltro; 57 x 57 cm; 2023

Vitoria Sztejnman



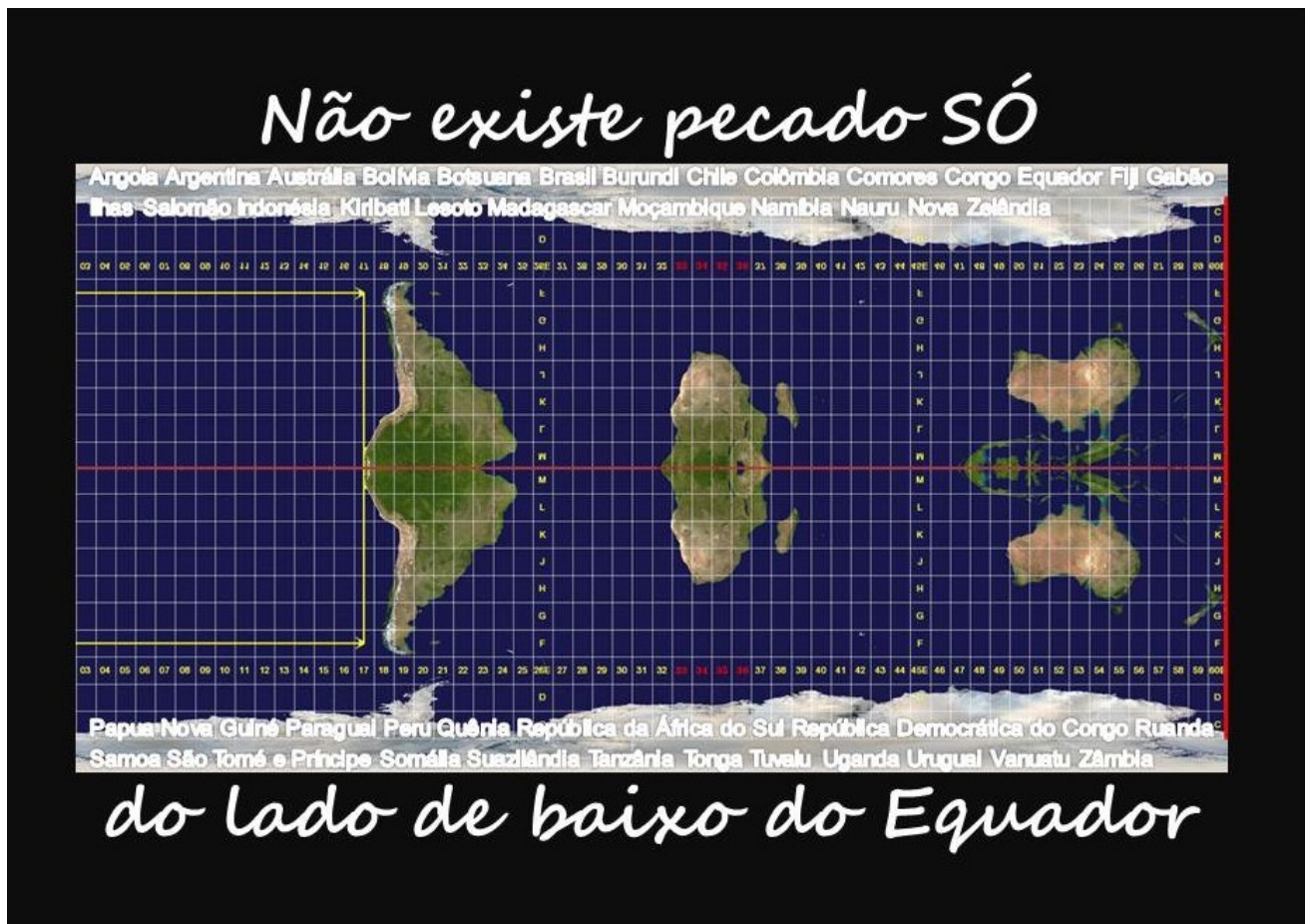
Fragmento; fotografia da escultura, impressão s/ tecido; 128 x 90 cm; 2019

Zacarias Gama



Povos originários: os donos das terras; fotografia, impressão s/ pvc; 40 x 71 cm; 2023

Zaba



Não existe pecado SÓ do lado de baixo do Equador; arte digital s/ tecido; tiragem única; 70 x 100 cm; 2023

Zizi Pedrossa



Riquezas americanas do sul; canetas pincel, acrílica e linha de bordar s/ painel; 45 x 45 cm; 2023